

LIBERDADES POSSÍVEIS: A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *THE INVENTION OF WINGS*, DE SUE MONK KIDD

Jéssica Marroni FORTUNA¹

RESUMO: Este trabalho propõe analisar a construção das duas personagens que protagonizam o romance *The Invention Of Wings* (2014), de Sue Monk Kidd, levando em conta a simbologia presente na narrativa. Os objetivos deste trabalho são estudar os conceitos de personagem, função dos objetos e do espaço dentro da narrativa literária e, então, analisar elementos selecionados da obra, estabelecendo uma relação entre os conceitos teóricos e a simbologia de libertação presente na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: personagem feminina; autoria feminina; simbologia; *The Invention of Wings*; Sue Monk Kidd

1. Contexto histórico e a Literatura de Reparação

The Invention Of Wings (2014) é um romance de ficção escrito pela autora norte-americana Sue Monk Kidd e conta a história de duas mulheres – Sarah Grimké e Hetty “Handful” Grimké – vivendo nos Estados Unidos do século XIX, na cidade de Charlestone, na Carolina do Sul. Na época em que vivem Sarah e Handful, a escravidão ainda é vigente no país e essas duas mulheres são afetadas direta e indiretamente por isso, uma vez que Handful é uma mulher negra e se encontra na situação de escrava da família de Sarah, que por sua vez é uma mulher branca e pertencente a uma família de bastante prestígio na cidade, dona de terras e escravos.

É possível dizer que o mote que conduz o romance é a busca de Sarah e Handful pela liberdade, cada uma a seu modo. Handful, por ser uma mulher escravizada, clama o direito sobre o seu próprio corpo, o direito de ir e vir, ou seja, a sua liberdade física. Sarah, por sua vez, clama pela liberdade de suas escolhas e de seu pensamento,

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis; Departamento de Letras Modernas, Assis, SP; Orientação: Profa. Dra. Cleide Antonia Rapucci, FAPESP, Proc. nº 2017/22244-0.

uma vez que a sociedade do século XIX a condenava à prisão do casamento e ao confinamento no espaço doméstico, o que a impedia de tomar suas próprias decisões ou expressar suas ideias. Neste ponto, a história dessas personagens atinge um ponto em comum: as duas possuem prisões das quais precisam se libertar. Tais prisões, apesar de bastante diferentes entre si, contribuem para que Sarah e Handful possam identificar-se e, juntas, lutarem por sua liberdade.

Ao levarmos em conta o contexto histórico do romance, é possível dizer que a identificação de Sarah e Handful corresponde à união de dois movimentos muito importantes nos Estados Unidos do século XIX, o movimento abolicionista e a luta pelos direitos das mulheres. Segundo Angela Davis em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), esses dois movimentos se interligaram justamente pelo fato de que ambos reivindicavam a liberdade de grupos oprimidos pela sociedade da época. Muitas mulheres foram atraídas pelo movimento abolicionista pela identificação com a opressão exercida sobre os escravos negros. Algumas viam no casamento uma espécie de cárcere, enquanto outras, as operárias, viam na exploração de seu trabalho semelhanças com a exploração dos escravos nas grandes fazendas. Desse modo, a insatisfação feminina começou a tomar forma e muitas mulheres passaram a aderir à causa abolicionista, como forma de denunciar a opressão sofrida pela população negra e, ao mesmo tempo, procurar sua própria forma de libertação (DAVIS, 2016, p.51).

Em uma sociedade dominada pelos valores patriarcais, dentro de um movimento também tomado por esses valores – o movimento abolicionista era liderado predominantemente por homens –, as mulheres aprenderam a desafiar a supremacia masculina. Afinal se elas não o fizessem, não teriam tido o espaço devido para lutar pela abolição e por seus próprios direitos. Desse modo, o movimento abolicionista foi importante porque ensinou às mulheres que elas não poderiam lutar pelos direitos da população negra sem questionar sua própria opressão.

Duas figuras importantes do movimento abolicionista e da luta pelo direito das mulheres foram as irmãs Sarah e Angelina Grimké, MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 152-181

figuras nas quais Kidd se baseou para dar vida à personagem de Sarah e de sua irmã mais nova, que também tem papel importante no romance. Davis aponta o fato de que as irmãs Grimké foram duas das primeiras mulheres a notar a semelhança entre os dois movimentos e sua interdependência. Ela diz:

Como a abolição da escravatura era a necessidade política mais premente da época, [as irmãs Grimké] incitavam as mulheres a se juntar à luta a partir da premissa de que sua própria opressão era sustentada e perpetuada pela continuidade do sistema escravagista. Por terem uma consciência tão profunda da indissociabilidade entre a luta pela libertação negra e a luta pela libertação feminina, as irmãs nunca caíram na armadilha ideológica de insistir que um combate era mais importante do que o outro. (DAVIS, 2016, p.56).

É essa indissociabilidade entre os dois movimentos que Kidd traz para seu romance com as duas protagonistas e a influência que uma exerce sobre a outra em sua busca por libertação. Enquanto Handful está presa pelos muros da fazenda da família Grimké, Sarah está presa pelos valores patriarcais que lhe foram impostos desde criança. Com a determinação e a consciência de Handful a respeito de sua condição, Sarah passa a tomar conhecimento de sua própria prisão. Por sua vez, quando Sarah se liberta das amarras sociais e passa a lutar pelo movimento abolicionista, ela é capaz de ajudar Handful a escapar da fazenda e alcançar sua liberdade tão sonhada.

A união entre as personagens femininas vindas de realidades distintas – uma mulher negra escravizada e uma mulher branca livre – é uma questão estudada por Anne Blessing em sua tese de doutorado, intitulada *Reparational Literature: the enslaved female body as text in contemporary novels by white women* (2015). Blessing analisa obras de autoras brancas do século XXI nas quais a personagem negra exerce papel de destaque junto a uma personagem branca, como é o caso de *The Invention of Wings*, que é analisada na tese juntamente com *Property*, de Valerie Martin, *The House Girl*, de Tara Conklin e *So Far Back*, de Pam Durban.

O termo *Reparational Literature*, ou Literatura de Reparação, é dado à literatura escrita por autoras brancas do século XXI nos Estados Unidos, na qual a personagem negra encontra papel de destaque, possui subjetividade e desenvolvimento no decorrer da narrativa, não mais sendo retratada apenas como figurante ou como instrumento para a realização pessoal da personagem branca, como acontecia na literatura escrita sobre o tema nos séculos anteriores (BLESSING, 2015, p.42). Em relação às autoras da Literatura de Reparação, Blessing explica:

Essas autoras se diferenciam de suas antecessoras do século XX por esforçarem-se em criar igualdade de ação e subjetividade na relação feminina inter-racial ou pelo menos destacar as desigualdades que a 'irmandade' literária e os romances de conversão das autoras brancas anteriormente negligenciaram ou minimizaram. (BLESSING, 2015, tradução minha).²

A Literatura de Reparação não busca reparar as atrocidades da escravidão e suas consequências, mas fazer com que a sociedade tome consciência dos anos de silenciamento e esquecimento de tais atrocidades. A escravidão não é passível de ser reparada; o que a literatura de reparação tenta, portanto, é criar uma nova consciência, um abrir de olhos da sociedade.

Um ponto importante no discurso de Blessing é o fato de que autoras brancas estão escrevendo sobre a cultura afro-americana e isso pode gerar algumas críticas, afinal, é uma cultura da qual elas não fazem parte e o risco de apropriação indevida dessa cultura existe. A autora não nega que a cultura afro-americana presente nas obras estudadas é retratada através das lentes da cultura branca ocidental e por isso não está totalmente livre de ideias pré-concebidas a respeito da escravidão. Entretanto, o que as autoras da Literatura

² These writers differ from their 20th century predecessors in that they strive to create equality of agency and subjectivity in the interracial female relationships or else highlight the inequities that previous white-authored "sisterhood" literature and conversion novels often overlook or minimize.² (BLESSING, 2015, p. 43).

de Reparação trazem em suas obras são situações de empatia entre as personagens, geradas pelo reconhecimento da situação privilegiada em que se encontram as personagens brancas, como escreve a autora:

Tentativas de contemplar a experiência inter-racial requer que as escritoras brancas vejam a si mesmas como ‘o outro’, ou ao menos como Barbara Christian escreve, reconheçam sua própria perspectiva como um paradigma construído e racializado (Reames, 19). Pelo fato de que ‘ser branco’ é frequentemente um paradigma invisível, isso pode ser um desafio para essas escritoras. Eu argumento, assim como Reames, que o reconhecimento dessas lentes do ‘ser branco’ no desenvolvimento de suas personagens simboliza um passo em direção à conscientização do privilégio branco e da busca por mais igualdade. (BLESSING, 2015, tradução nossa).³

É, portanto, por meio do reconhecimento dos privilégios e da identificação com as personagens negras que a reconciliação é possível. Com o conhecimento e a empatia em relação à realidade do outro é que se torna possível uma mudança de pensamento e, a partir disso, a conscientização de toda uma sociedade.

Entretanto, a Literatura de Reparação também deixa claro que o espaço já reduzido das mulheres na literatura contemporânea é destinado, em sua grande parte, a autoras brancas, enquanto autoras negras tem seu espaço ainda mais limitado. Como Bell Hooks já levantou em sua obra *Ain't I a Woman?* (1982) é muito comum encontrar mulheres brancas pesquisando e escrevendo a respeito de mulheres negras mas o contrário quase não ocorre.

2. As personagens

³ Attempting to appreciate cross-racial experience requires the white writer to view herself as “other”, or at least as Barbara Christian writes, recognize her own perspective as a racialized and constructed paradigm (Reames, 19). Because whiteness is so often an invisible paradigm, this can be challenging for white writers. I argue, as Reames does, that reparational writers’ recognition of the lens of whiteness in their character’s development symbolizes a step towards widespread awareness of white privilege and more equality.³ (BLESSING, 2015, p. 80-81).

Sarah e Handful foram as duas personagens do romance de *The Invention of Wings* selecionadas para serem analisadas neste trabalho. O capítulo inicial do livro é narrado por Handful e logo percebemos que se trata de uma criança – sua história começa quando ela e Sarah tinham por volta de 10 anos. Handful é uma menina negra que vive como escrava na fazenda da família Grimké com sua mãe, Charlotte, que no início do romance lhe conta uma história a respeito de como os seus antepassados, no continente africano, possuíam a capacidade de voar, a qual foi perdida quando eles foram trazidos para os Estados Unidos. Segundo Charlotte, eles possuíam asas e as omoplatas saltadas do corpo magro de sua filha eram resquícios de suas asas que foram perdidas.

Logo no início do romance, portanto, já é possível perceber a simbologia das asas relacionada com a libertação e que acompanha principalmente Handful e sua mãe durante toda a história. Elas têm uma relação muito forte com os elementos da natureza e, por consequência, com os pássaros que frequentam o quintal da fazenda Grimké, principalmente os *blackbirds*, ou pássaros negros. Símbolos como as asas, as penas, o alçar vôo estão, portanto, sempre ligados à personagem de Handful e sua mãe. Além disso, o prenúncio feito por Charlotte de que sua filha recuperaria suas asas é confirmado no fim da história, quando Handful consegue escapar de sua vida como escrava.

Outro ponto que merece destaque quando se trata de Handful é o seu nome. Em inglês, a palavra *handful* significa um punhado, uma mão cheia; mas também pode se referir a uma tarefa ou a uma pessoa difícil de lidar. A personagem conta que seu nome foi escolhido por sua mãe pelo fato de ela ter nascido precocemente, e sua personalidade acaba se desenvolvendo de acordo com o nome: ela é uma menina travessa e determinada, que dificilmente recebe ordens sem reclamar. Desde pequena, portanto, é possível observar em Handful uma determinação de alguém que não aceita sua condição de escrava e tenta a todo custo encontrar sua liberdade.

Além disso, a palavra *handful* tem origem na palavra *hand* (“mão”, em inglês). O fato de que a personagem utiliza do seu corpo

como instrumento de trabalho e principalmente de suas mãos para costurar – uma atividade que se mostra muito significativa no começo da obra – se mostra importante para a construção da simbologia do romance. Desse modo, para os relatórios referentes a esta pesquisa, preferi não traduzir o nome da personagem, que na versão brasileira foi chamada de “Encrenca”. Acredito que Encrenca se refere somente a uma parte do significado de *handful*, e deixa a parte simbólica das mãos de lado.

Sarah Grimké, por sua vez, inicia o segundo capítulo do romance. Ela é a quinta de dez filhos do Sr. e da Sra. Grimké e vive com sua família em uma grande fazenda na cidade de Charlestone, na Carolina do Sul. Seu pai é um grande jurista na cidade e se dá muito bem com a filha, que sonha em ser uma jurista como ele. Em sua casa há uma grande biblioteca na qual o pai a deixava entrar quando pequena e ler alguns dos livros, algo incomum para a época, que não permitia que as meninas estudassem assim como os meninos. Seu irmão mais velho, Thomas, a ensinava latim e, desse modo, sua certeza de que seria uma jurista quando adulta ficava cada vez maior. Os sonhos de Sarah acabam, porém, quando ela descobre que meninas não podem seguir uma carreira profissional e é humilhada por seu pai e irmãos ao expressar seu desejo de estudar direito.

Sarah, então, perde seu ânimo para a vida e busca incessantemente algo que possa completar essa falta que a carreira de jurista deixou: ela tenta com um casamento, com a religião, com a tarefa de cuidar de sua irmã mais nova, mas nada parece satisfazê-la. É só perto do fim da obra, quando ela encontra no movimento abolicionista e nas palestras que profere seu potencial reprimido desde que era uma menina. Ela reencontra sua voz e, assim como *Handful* se liberta dos muros da fazenda, Sarah se liberta dos muros de sua própria mente.

Como mencionado no tópico anterior, Sarah Grimké é uma personagem inspirada pela figura real da abolicionista que viveu no século XIX. Junto de sua irmã, Angelina Grimké, foi uma das primeiras mulheres a lutar pela causa nos Estados Unidos e foi também uma das pioneiras em questionar a desigualdade de gênero

e o lugar subalterno da mulher na sociedade. A autora de *The Invention of Wings*, Sue Monk Kidd, se baseou em cartas, biografias e documentos que pudessem lhe dar fundamentos para começar a construir a personagem de Sarah. Entretanto, seus pensamentos e suas ações dentro da obra, como a própria autora afirma no posfácio da obra, fazem parte do universo ficcional criado por ela.

Sobre a questão da ligação entre realidade e ficção, Antonio Candido, em seu ensaio sobre a personagem do romance, afirma não ser possível “copiar” a pessoa para o papel, assim como ela é, afinal não é possível obter o conhecimento da totalidade do ser humano e, além disso, o papel do autor sempre influenciará sua personagem (1987, p.65). Desse modo, a partir do momento em que Sarah é transportada para a ficção e torna-se parte de um universo ficcional, ela ganha autonomia em relação a sua correspondente no mundo real. Ela é fruto, como afirma Candido, da interpretação da autora sobre a figura histórica, e torna-se uma releitura daquilo que foi originalmente. Além disso, o autor postula que a personagem só existe em relação à sua função dentro do universo da obra e as relações que ela estabelece dentro desse contexto, como a relação com outros personagens e elementos da narrativa. Ele escreve:

Portanto, originada ou não da observação, baseada mais ou menos na realidade, a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, idéias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição convincente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade de um modo-de-ser, duma existência. (CANDIDO, 1987, p.75).

Handful e Sarah, então, compõem o romance intercalando seus capítulos e suas visões de uma mesma história: a história de duas mulheres à procura de libertação. Enquanto uma busca sua liberdade física e o direito sobre o seu próprio corpo, a outra busca libertar sua mente dos valores que a sociedade e sua família lhe impuseram. A diferença entre as prisões dessas duas personagens fica clara com

uma fala de Handful à Sarah, muito significativa para entendermos a obra como um todo:

Ela estava presa como eu, mas presa por sua mente, pela mente das pessoas em volta dela, não por lei. Na Igreja Africana, sr. Vesey dizia: 'Cuidado, você pode ser escravizado duas vezes, uma vez pelo seu corpo e uma vez pela sua mente.' Tentei dizer isso a ela. Falei: 'Meu corpo pode ser escravo, mas não minha mente. Pra você é o contrário.' Ela piscou pra mim e as lágrimas voltaram, brilhantes como o vidro do candelabro." (KIDD, 2014, p. 178).⁴

A prisão física de Handful em comparação à prisão simbólica de Sarah é um dos pontos chave do romance e a partir dele sua história vai tomando forma. Quando Sarah passa a fazer parte do movimento abolicionista, ela ganha voz e consegue se impor até mesmo perante sua família, que sempre a reprimiu durante sua vida. Desse modo, Sarah ajuda Handful a escapar da fazenda Grimké, mas só consegue fazê-lo porque, antes, Handful a alertou sobre sua prisão invisível. Essas duas mulheres, portanto, se ajudam mutuamente em sua busca por libertação.

3. Os símbolos

Como já mencionado anteriormente, o objetivo deste trabalho é analisar a construção das duas personagens principais de *The Invention of Wings*, Sarah e Handful. Para isso, é preciso levar em conta não só pressupostos teóricos a respeito das personagens, mas também sobre o espaço, os objetos e a simbologia do romance, uma vez que as personagens são apenas uma parte constituinte da obra como um

⁴ She was trapped same as me, but she was trapped by her mind, by the minds of the people round her, not by the law. At the African church, Mr. Vesey used to say, *Be careful, you can get slaved twice, once in your body and once in your mind*. I tried to tell her that. I said, 'My body might be a slave, but not my mind. For you, it's the other way round'. She blinked at me and the tears came again, shining like cut-glass.⁴ (KIDD, 2014, p.200).

todo, e se relacionam com as outras partes em uma relação de interdependência. Antonio Candido, em seu ensaio sobre a personagem do romance, afirma:

O entrosamento [na estrutura novelística] é condição fundamental na configuração da personagem, porque a verdade de sua fisionomia e do seu modo-de-ser é fruto, menos da descrição, e mesmo da análise do seu ser isolado, que da concatenação da sua existência no contexto. Em *Fogo Morto*, por exemplo, a sola, a faca, o martelo de Mestre José ganham sentido, referidos não apenas ao seu temperamento agressivo, mas ao cavalo magro, ao punhal, ao chicote do Capitão Vitorino; ao cabriolé, à gravata, ao piano do Coronel Lula, - os quais, por sua vez, valem como símbolos das respectivas personagens. E as três personagens existem com vigor, não só porque se exteriorizam em traços materiais tão bem combinados, mas porque ecoam umas às outras, articulando-se num nexos expressivo. (CANDIDO, 1987, p.78).

Ou seja, para analisar as personagens é preciso também analisar os objetos, o espaço e os símbolos que constituem o romance, pois a personagem somente ganha vida graças à relação com os demais elementos da narrativa. Desse modo, a análise proposta neste tópico pretende se voltar à simbologia presente no romance de modo a auxiliar o entendimento acerca das personagens.

A simbologia se constitui pelos objetos e pelo espaço na narrativa e tais elementos foram divididos em três categorias de modo a facilitar a análise. Essas três categorias são: elementos da natureza, elementos do espaço doméstico e elementos relacionados ao corpo. A seguir, pretendo me deter mais detalhadamente em cada categoria, relacionando os elementos de cada uma às personagens do romance.

3.1. Elementos da natureza

a. A árvore

O primeiro elemento natural destacado é a árvore, mais especificamente um carvalho, que existe no quintal da fazenda

Grimké e que é um símbolo muito importante para Handful e sua mãe. As duas chamam o carvalho de sua “árvore espiritual”, e o tratam como uma espécie de altar, no qual elas entram em contato com a tradição de seus antepassados. Elas reúnem gravetos e folhas e os guardam num saquinho que penduram no pescoço, levando a árvore com elas onde quer que elas estejam. No final da vida de Charlotte, ela se dirige até a sombra da árvore e é ali que vem a falecer. Gaston Bachelard, em seu livro *A Poética do Espaço*, trata da simbologia da árvore, utilizando sua representação da obra de Henry David Thoreau:

Na página de Thoreau, a árvore inteira é, para o pássaro, o vestíbulo do ninho. A árvore que tem a honra de abrigar um ninho participa do mistério do ninho. A árvore é já um refúgio para o pássaro. Thoreau nos mostra o picanço tomando por morada toda uma árvore. Ele faz um paralelo dessa tomada de posse com a alegria de uma família que volta a habitar a casa há muito tempo abandonada. (BACHELARD, 2008, p.109).

A ideia de ninho, de casa e proteção, portanto, está ligada à árvore espiritual de Handful e sua mãe. Tal árvore pode ser sua morada, uma vez que elas não se sentem em casa na fazenda Grimké, onde elas são tratadas como escravas. Além disso, a imagem da árvore também é citada por Bachelard como símbolo de crescimento interior. No mundo dos sonhos, segundo o autor, a árvore não tem limites de espaço e seu sonhador cresce à medida que ela também se desenvolve. O autor completa:

Assim, a árvore tem sempre um destino de grandeza. Esse destino, ela o propaga. A árvore faz crescer aquilo que a rodeia. Numa carta reproduzida no livrinho tão humano de Claire Goll, Rilke lhe escrevera: “Essas árvores são magníficas, mas mais magnífico ainda é o espaço sublime e patético entre elas, como se, com seu crescimento, ele aumentasse também.” Se assim podemos dizer, os dois espaços, o espaço íntimo e o espaço exterior, vêm constantemente estimular um ao outro em seu crescimento. (BACHELARD, 2008, p.205).

Handful e sua mãe estão intimamente ligadas à árvore do quintal da fazenda, sua árvore espiritual. Esta imagem acompanha as personagens em todos os momentos de sua jornada, desde que Handful era apenas uma menina até o momento em que ela deixa a fazenda Grimké rumo à liberdade; ir até o quintal e se despedir da árvore é a última coisa que ela faz antes de partir. O seu crescimento, portanto, está relacionado com a grandeza de sua árvore. Não uma grandeza física, mas simbólica.

Se levarmos em conta também a simbologia do carvalho, encontraremos no dicionário de símbolos de Cheerbrant e Chevalier que “O carvalho, por todos os tempos e por toda parte, é sinônimo de força [...]” (1990, p. 195). Por seu tamanho, sua solidez e sua longevidade, o carvalho é uma árvore sagrada em inúmeras tradições. Ele simboliza a força de Handful e Charlotte que tantas vezes é colocada à prova pela crueldade da escravidão.

b. Pássaros negros

Os pássaros são muito importantes em *The Invention of Wings*, pois eles carregam por si só a simbologia de libertação. No dicionário de símbolos eles são definidos como:

O vôo dos pássaros os predispõe, é claro, a servir de símbolo às relações entre o céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu. É essa a significação dos pássaros no taoísmo, onde os Imortais adotam a forma de aves para significar a leveza, a liberação do peso terrestre. (CHEERBRANT, CHEVALIER, 1990, p.687).

Handful e Charlotte acreditavam que os espíritos de seus antepassados africanos estavam nos pássaros negros que vinham pousar em sua árvore espiritual. A libertação do peso terrestre, um eufemismo para a morte no taoísmo, para Handful e sua mãe seria correspondente à libertação da escravidão. Para Charlotte, essa libertação só ocorre, de fato, pela morte. Handful, porém, consegue

se libertar da escravidão no final da obra, ao escapar da fazenda Grimké com a ajuda de Sarah.

A imagem do pássaro negro está relacionada à Handful desde o momento em que sua mãe lhe conta a história das asas em seus antepassados. As omoplatas saltadas do corpo magro da menina seriam as asas que ela um dia já teve. Para Handful, portanto, a simbologia do pássaro é a sua possibilidade de libertação, uma metáfora que a acompanha por toda a vida, até o momento em que ela de fato consegue se libertar, tomando de volta para si suas asas perdidas. Cheerbrant e Chevalier definem a simbologia das asas como:

As asas são, antes de mais nada, símbolo do alçar vôo, i. e., do alijamento de um peso (leveza espiritual, alívio), de desmaterialização, de liberação – seja de alma ou de espírito –, de passagem ao corpo sutil. [...] Em todas as tradições, as asas jamais são recebidas, mas, sim, conquistadas mediante uma educação iniciática e purificadora por vezes longa e arriscada. (CHEERBRANT, CHEVALIER, 1990, p. 90).

Handful não nasceu com suas asas, ou seja, com a sua liberdade. Por isso, ela batalha durante toda a sua história para conquistá-las, para construí-las. Desse modo, ela passa por uma jornada arriscada, longa e de muitas perdas para então obter sua tão sonhada e merecida liberdade, assim como Sarah, que luta contra toda a sociedade e contra seus próprios medos para seguir sua vocação e lutar por seus direitos. A invenção das asas, portanto, é a conquista da liberdade dessas duas personagens.

Além disso, a irmã mais nova de Handful, que aparece somente no meio da história, tem o nome Sky, que significa “céu” em inglês. Sky é uma menina tão forte e determinada como Handful, que descreve a irmã como alguém que desejava a liberdade mais do que respirar. Desse modo, o fato de ela ter o nome de céu também é um símbolo importante de libertação, afinal ele é tão imenso quanto o mar e é o lugar no qual os pássaros voam.

a) A água/ o mar

No dicionário de símbolos, o símbolo da água é definido como:

As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência. (CHEERBRANT, CHEVALIER, 1990, p. 15).

A água aparece em dois momentos marcantes na obra: a água do mar e a água da banheira na qual Handful toma um banho “proibido”. Essa cena da banheira acontece quando a família Grimké volta de uma viagem que faziam no campo e Sarah encontra Handful tomando banho em sua banheira, algo que era proibido para os escravos. Esse momento é marcante para as duas personagens e é também o momento no qual elas começam a tomar consciência da grande diferença que existe entre suas realidades. É a morte simbólica de uma Handful e uma Sarah que ignoravam todas essas diferenças e, a partir de então, começam a dar rumos diferentes para suas histórias.

Para Handful a água da banheira é quase como um batismo, um rito de passagem para a liberdade, pois ela quebra todas as regras impostas a ela na situação de escrava e toma banho como uma mulher livre. Quando Sarah a vê, ela reconhece a mulher livre que existe em Handful, a que se recusa a ser escravizada. É neste momento que Sarah percebe o quão condescendente ela havia sido com a escravidão e começa a tomar consciência de sua situação e da situação de Handful. Além disso, é a água da banheira sendo despejada o que ajuda Sarah a recuperar o controle sobre sua voz e parar de gaguejar, como é possível notar nesta passagem do livro:

“...Eu vou tentar”, disse, embora o que tivesse de fato acontecido fosse um não tentar accidental. Fechei os olhos e respirei, e, em minha mente, vi a água brilhante do porto e depois a imagem da água do banho de Encrenca

escorrendo pelo canto da sacada como uma fita caindo, e senti minha língua destravar e se tranquilizar sob os dedos de Nina. (KIDD, 2014, p.109).⁵

Pensar no fluxo da água do mar e da água da banheira é o que faz Sarah recuperar o fluxo natural de sua fala, ou seja, o que a faz, simbolicamente, recuperar o controle sobre sua própria voz.

A água do mar também tem um papel importante para ambas as personagens. Handful, desde pequena, fica olhando o mar e admirando seu encontro com o céu. Para ela, as águas do mar são também uma possibilidade de libertação, pois nelas vão peixes e barcos, e o mar alcança até onde seus olhos não podem ver. Essa possibilidade de libertação se confirma ao final da obra, quando ela e Sarah fogem em um navio para o norte do país. A libertação das duas personagens ocorre pelo mar.

Além disso, o mergulho nas águas do mar é um importante momento para Sarah. Quando seu pai adoece, ela viaja com ele para que ele possa se recuperar. Enquanto ele repousa no quarto, Sarah desce para a praia e acaba entrando no mar a convite de algumas senhoras que estão por lá. Neste instante, seu pai dá seu último suspiro no quarto. Este momento, portanto, é bastante simbólico como um momento de libertação para Sarah, pois ao mesmo tempo em que ela tira seu vestido e solta seu cabelo para entrar na água, o pai – que simboliza os valores patriarcais e a opressão que ela sempre sofreu durante a vida – morre e, assim, não pode mais oprimi-la.

Para Bachelard, a imensidão do mar, no mergulho, traz para o mergulhador uma sensação de novo mundo. Em muitas representações literárias a água traz essa ideia de renascimento, de uma nova perspectiva depois do mergulho. O autor atribui a ideia do renascimento à mudança de espaço – do espaço terrestre para o

⁵ “...I’ll try”, I said, though perhaps what really happened was an accidental not-trying. I closed my eyes and breathed, and in my mind, I saw the bright water in the harbor and then the image of Handful’s bathwater streaming over the side of the piazza like a fallen ribbon, and I felt my tongue unknot and grow tranquil beneath Nina’s fingers. (KIDD, 2014, p.121).

aquático – que simboliza para o mergulhador uma mudança de perspectiva, como é explicado a seguir:

E, no fim de seu livro, Diolé concluirá (p.178): “Descer na água ou errar no deserto é mudar de espaço”; e, mudando de espaço, deixando o espaço das sensibilidades usuais, entramos em comunicação com um espaço psiquicamente inovador. [...] Essa mudança de espaço concreto já não pode ser uma simples operação mental, como seria a consciência do relativismo das geometrias. Não mudamos de lugar, mudamos de natureza. (BACHELARD, 2008, p. 210).

Para Sarah, portanto, entrar no mar também é um símbolo de batismo, pois ela se vê livre da opressão paterna e de muitas amarras que ela criou para si mesma. Tanto Cheerbrant e Chevalier quanto Bachelard concordam que a água é um símbolo de renascimento, de mudança e de possibilidades. Para as duas personagens, portanto, esse símbolo se manifesta de acordo com essas características.

3.2. Elementos do espaço doméstico

a. O botão de Sarah

Quando Sarah recebe Handful como sua dama de companhia, a primeira coisa que ela faz é tentar reverter tal situação. A menina, então com 11 anos, escreve num papel que liberta Handful da escravidão, de acordo com o livro de leis escrito por seu próprio pai, um famoso jurista do estado da Carolina do Sul. Com tal ato, nasce dentro dela o sonho de se tornar uma jurista assim como seu pai. Ela, então, pega um botão prateado de um vestido que Charlotte costurou para ela e diz “Por favor, Deus, permita que essa semente que plantou em mim dê frutos.” (KIDD, 2014, p.25).⁶

Nesta passagem, Sarah já revela a simbologia relacionada ao botão: ele é uma semente. Uma semente dos seus sonhos, do seu futuro, da mulher que ela pretende se tornar. Ela o guarda numa

⁶ Please, God, let this seed you planted in me bear fruit.” ⁶ (KIDD, 2014, p.21).

caixinha de joias e olha para ele todas as noites, alimentando o seu sonho. Um dia, porém, quando ela revela tal sonho para sua família, ela é desencorajada pelo pai, que afirma que uma mulher jamais poderia se tornar uma jurista e a proíbe de voltar a ler os livros de sua biblioteca. Sarah, então, atira o botão de prata na lareira. Neste momento, ela deixa de sonhar com uma carreira e passa a ter uma atitude conformista diante de seu destino.

O botão, porém, é resgatado do fogo por Handful que o devolve à Sarah, já mais velha, como um lembrete de que ela não pode se esquecer de sua ambição. Sarah só volta a usar o botão quando descobre sua vocação para luta pela abolição e decide que é este o caminho que ela quer de fato seguir. Handful devolvendo o botão à Sarah é um ato simbólico da ajuda que ela concede à companheira em sua busca por liberdade.

a) As colchas (*quilts*)

Handful e sua mãe, como já mencionado anteriormente, são costureiras e confeccionam todas as vestes da família Grimké. Entre um trabalho e outro, Charlotte rouba linhas e pedaços de tecido, que ela usa para fabricar colchas de retalhos, em inglês, *quilts*, pois são confeccionados de acordo com uma técnica de costura chamada *quilting*. Nessas colchas são costuradas figuras geométricas, de pessoas, animais, flores e muitos outros símbolos para formar diferentes padrões de estampa. Nas colchas de Charlotte, a estampa mais comum eram os triângulos pretos, que ela dizia representar asas de pássaros negros. Além disso, essas colchas eram estofadas com as penas de pássaros que Handful e Charlotte recolhiam do chão e também com mechas do cabelo das duas.

Todos esses símbolos reunidos – as asas, as penas, o cabelo – fazem das colchas um grande símbolo de libertação. Aliadas ao roubo das linhas e do tecido, elas também se tornam um símbolo de resistência. O próprio ato de costurar, segundo Linda Pershing, também pode se tornar um ato de resistência. A autora, no ensaio *Peace Work out of Piecework: Feminist Needlework Metaphors and the Ribbon around the* MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 152-181

Pentagon (1994), afirma que as mulheres se apropriam dessa atividade tão tipicamente feminina e a transformam em uma maneira de comunicar-se entre si, de contar suas histórias e até mesmo de protestar contra sua realidade.

Segundo Pershing, por ser uma atividade “invisível”, considerada simplesmente funcional ou distrativa, a costura nunca foi considerada arte e, por isso, nunca recebeu a devida atenção. Desse modo, as mulheres se sentiram livres para fazer dela um instrumento, algo que as conectasse e que fosse somente delas, como uma linguagem secreta. Citando Patricia Minardi, uma artista e crítica feminista, a autora afirma:

[...] Minardi chama a técnica *quilting*, e eu estenderia isso à costura em geral, uma ‘linguagem secreta das mulheres’, na qual elas são capazes de expressar suas próprias convicções numa ampla variedade de assuntos em uma língua que é, em grande parte, compreensível somente para outras mulheres. Além disso, a costura há tempos tem servido como uma mediação para discussão e posicionamento político para as mulheres. Por exemplo, a primeira fala sobre direitos iguais de Susan B Anthony aconteceu durante uma reunião de costura em Cleveland. (PERSHING, 1993, tradução minha).⁷

A costura, portanto, reúne mulheres e permite que elas se expressem por meio dessa atividade. Para Handful e sua mãe isso acontece quando Charlotte faz uma de suas últimas peças, a colcha de histórias, na qual ela conta a história de toda sua vida. Além disso, em outra peça, ela esconde o dinheiro que juntou durante toda a vida para comprar a sua liberdade, colocando o dinheiro dentro do estofado da colcha. Devido ao fato de que essas peças são feitas com tecidos e linhas roubadas – Charlotte é até mesmo punida por roubar um corte de pano verde – a costura torna-se um símbolo de subversão e resistência para essas duas personagens.

⁷ Minardi calls quilting, and I would extend this to needlework more generally, a “secret language of women”, in which they are able to express their own convictions on a wide variety of subjects in a language that is, for the most part, comprehensible only to other women (1973:19). Moreover, sewing has long served as a medium for women’s political discussion and statement. For example, Susan B Anthony’s first talk on equal rights for women occurred at a quilting bee in Cleveland (Minardi, 1937:19) [...]. (PERSHING, 1994, p.338)

Além disso, a costura é para Handful e sua mãe algo que as conecta entre si e com seus antepassados, uma vez que foi a avó de Handful quem ensinou Charlotte a costurar e que, por sua vez, também ensinou a técnica para a filha. Pershing afirma que a costura também é um modo de conectar as mulheres envolvidas na atividade; a metáfora da linha unindo o tecido se estende para a união das pessoas (p.341). Além das colchas, outros objetos fazem parte da simbologia da costura, como o dedal de Handful, o tear utilizado por ela e até mesmo o botão de Sarah, que foi retirado de um vestido feito por Charlotte. A costura, portanto, une essas mulheres dentro da obra.

Além disso, o fato de os capítulos do romance serem narrados de modo intercalado por Handful e Sarah, uma após a outra, lembra uma colcha de retalhos, a colcha de histórias feita por Charlotte, que emenda vários fragmentos da mesma história, um ao lado do outro. A costura se faz presente também no modo como o livro é constituído formalmente. Também em seu ensaio, Pershing traz a visão da crítica literária feminista Elaine Showalter na qual ela compara o processo de escrita feminina e a atividade da costura, mais especificamente da confecção das colchas (*quilting*). Ela acredita que quando as autoras utilizam metáforas relacionadas à costura elas estão evocando justamente símbolos, processos e imagens de conexão e união entre um grupo de mulheres. Showalter até mesmo afirma que a atividade de costurar é uma maneira que as mulheres encontraram de contar suas histórias, quase como escrever um conto. Pershing escreve:

Em seu ensaio "Piecing and Writing", por exemplo, Elaine Showalter compara a confecção de colchas (*quilting*) e a escrita de mulheres dos Estados Unidos nos últimos dois séculos, notando relações metafóricas entre a agulhas das mulheres e suas canetas. Como crítica literária, Showalter encontra características distintas (e.g. repetição, fragmentação, criatividade que emerge da escassez) no processo de *quilting* que reflete a experiência feminina assim como elas são geralmente expressas na literatura. Ela até argumenta que as criações materiais das mulheres não somente correspondem à escrita feminina mas que os processos de *piecing*, *patchwork* e *quilting* tiveram efeitos tangíveis na estrutura, nos gêneros, nos

temas e no significado da literatura feminina norte-americana. (PERSHING, 1993, tradução minha).⁸

Desse modo, é possível dizer que a costura é um símbolo tão presente na cultura feminina que influencia até mesmo os temas, gêneros e estruturas das obras de autoras mulheres. Em *The Invention of Wings* isso fica claro com a simbologia das colchas e da costura e também pelo modo como o livro se constitui, com as histórias de Sarah e Handful sendo “costuradas” por uma linha invisível que as une.

b. A bengala

A bengala aparece como um objeto marcante de Mary, a mãe de Sarah, que inclusive chegava a agredir os escravos com ela. Com Mary, a bengala adquire um símbolo de poder, até mesmo de conotação fálica, visto que ela é uma mulher autoritária e inflexível, características que geralmente acompanham o estereótipo masculino. Quando Sarah descreve a mãe, ela usa as seguintes palavras:

O nome dela era Mary, e aí termina qualquer semelhança com a mãe do nosso Senhor. Era descendente de uma das primeiras famílias de Charlestone, um pequeno grupo de lordes que o rei Charles enviara para estabelecer a cidade. [...] Além de governar a casa, um bando de crianças e catorze escravos, ela tinha deveres sociais e religiosos que teriam acabado com as rainhas e santos da Europa. Quando eu estava sendo compreensiva, dizia que minha mãe estava simplesmente exausta. Suspeito, porém, que ela fosse simplesmente desagradável. (KIDD, 2014, p.15).⁹

⁸ In her essay “Piecing and Writing”, for example, Elaine Showalter compares the quilting and writing of U.S. women in the last two centuries, noting metaphorical relationships between women’s needles and their pens (1986;224). As a literary critic, Showalter finds distinctive characteristics (e.g., repetition, fragmentation, creativity that emerges out of scarcity) in the process of quilting that reflect women’s experience as they often are similarly expressed in literature. She even argues that not only do women’s material creations parallel women’s writing but also that piecing, patchwork and quilting have had tangible effects on the structure, genres, themes and meaning of U.S. women’s literature.⁸ (PERSHING, 1994, p. 336).

⁹ Her name was Mary, and there ends any resemblance to the mother of our Lord. She was descended from the first families of Charlestone, that little company of Lords that King Charles had sent over to establish the city. [...] Besides governing the house, a host of children, and fourteen slaves, she kept up a round of social and religious duties that would’ve worn out the

MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 152-181

É possível notar que Mary possui atributos geralmente relacionados ao masculino, porém, ela os utiliza no espaço que lhe foi destinado: a casa. Ela administra os filhos, os escravos e os afazeres domésticos com muita eficiência e firmeza. A bengala a acompanha para lhe dar um status de poder, por ser um instrumento que intimida e lhe confere segurança para dar suas ordens.

Entretanto, a bengala também pertence a Charlotte, mãe de Handful, depois que esta machuca o pé em uma sessão de tortura. Handful, por sua vez, também tem o pé machucado enquanto está sendo torturada, o que leva a menina a utilizar uma bengala também. Para essas duas personagens, porém, a bengala é um apoio. Por ser feita de madeira, a bengala as aproxima de sua árvore espiritual, que é um símbolo tão caro a elas, e no topo da bengala de Handful está cravada a cabeça de um coelho, enquanto a bengala de Mary tem as pontas banhadas a ouro.

3.3 Elementos relacionados ao corpo

a. O pé machucado de Handful

Quando frequentava um culto religioso para a população escravizada, Handful é pega por autoridades que invadem esse culto e levada para a chamada “casa de trabalho”, um local especializado em tortura para escravos ditos rebeldes. Um dos instrumentos de tortura prende seu pé a ponto de machucá-lo gravemente. Depois desse incidente, Handful fica com muita dificuldade para andar e é aí que ela ganha uma bengala que a ajude na caminhada. O fato de que ela tem os movimentos limitados é marcante, pois ela fica ainda mais presa aos muros da fazenda Grimké, impossibilitada de andar, correr, fugir. Os pés eram a possibilidade que ela tinha de libertação, mesmo

queens and saints of Europe. When I was being forgiving, I said that my mother was simply exhausted. I suspected, though, she was simply mean.⁹ (KIDD, 1994, p.9).

que apenas simbolicamente. No dicionário de símbolos de Cheerbrant e Chevalier, o pé está definido como:

Sendo o ponto de apoio do corpo na caminhada, o pé, para os dogons, é antes de tudo um símbolo de consolidação, uma expressão da noção de poder, de chefia, de realeza. Mas ele implica também a ideia de origem; diz-se, entre os bambaras, que o pé é *a primeira germinação do corpo do embrião* (ZAHB, 51). Ele designa igualmente o fim, posto que, sempre, na caminhada, o movimento começa pelo pé e termina pelo pé. Símbolo de poder mas também de partida e de chegada, ele se aproxima do simbolismo da chave, ela própria expressão da noção de comando. (CHEERBRANT, CHEVALIER, 1990, p. 695).

Ter o pé machucado pela tortura é como um lembrete de que, se depender da sociedade escravocrata e opressora, ela jamais poderá ter o direito de ir e vir por conta própria. É como se o poder de se libertar, de encontrar a chave que abre as portas rumo à liberdade, tivesse sido retirado dela.

b. As omoplatas

Como já dito anteriormente, logo no início do romance a mãe de Handful lhe conta a história dos seus antepassados no continente africano e da sua capacidade de voar. As omoplatas da menina, segundo Charlotte, eram os resquícios das asas que seu povo perdeu quando foi trazido como escravo para o continente americano. Essa metáfora das asas trazida por Charlotte é a metáfora da liberdade. Quando a população negra perdeu suas asas, ela na verdade perdeu sua liberdade.

As omoplatas de Handful, entretanto, estão ali como um lembrete de que ela já teve a capacidade de voar e ainda pode ter. Talvez as asas – ou a liberdade – não venha fácil, como algo que já nasceu com ela, afinal, Handful já nasceu dentro do contexto da escravidão. Porém, essas asas podem ser reconquistadas, como acontece durante a sua trajetória e no fim do romance, quando ela consegue fugir da fazenda Grimké rumo ao norte do país. O fato de Charlotte ter

apontado as omoplatas como asas ajuda a filha, mesmo sem que a menina se dê conta disso, a ter esperanças de um dia se libertar. No momento em que ela conta ao leitor sobre a história da mãe, Handful diz:

Eu era esperta como a mamã. Mesmo aos dez anos eu já sabia que aquela história de gente voando era pura lorota. Não éramos um povo especial que tinha perdido a magia. Éramos escravos e não íamos a lugar algum. Mais tarde eu entendi o que ela queria dizer. A gente voava, sim, mas não tinha nenhuma mágica naquilo. (KIDD, 2014, p.9).¹⁰

Handful, já adulta quando nos conta a sua história, entende a metáfora da mãe e logo no início do romance já prenuncia que existe, sim, a possibilidade de voo – de libertação – para ela e seu povo.

c. A voz de Sarah

Quando Sarah é ainda muito pequena, ela presencia uma escrava da família sendo chicoteada. Aquela cena a traumatiza tanto que ela fica muda por uma semana, sem conseguir pronunciar uma só palavra. Aos poucos, sua voz volta, mas continua com uma gagueira que nunca mais a abandona. Durante a obra, é possível notar que sua gagueira piora em momentos de tensão e em momentos que ela precisaria da sua voz; mais que isso, que ela precisaria se impor. A dificuldade em se expressar de fato também se torna uma metáfora para a impossibilidade que ela tem de expressar seus próprios desejos, sonhos e ambições. A sociedade em que Sarah vive – patriarcal e escravocrata – a limitam de formas que ela só entende muito mais tarde na vida. Além disso, a religião também é algo que a limita, uma vez que ela encontra na religião uma fuga para seus sonhos perdidos.

¹⁰ I was shrewd like mauma. Even at ten I knew this story about people flying was pure malarkey. We weren't some special people who lost our magic. We were slave people, and we weren't going anywhere. It was later I saw what she meant. We could fly all right, but it wasn't any magic to it. (KIDD, 2014, p.3).

Um momento importante da obra é quando Sarah toma consciência de que sua voz havia sido calada por muito tempo pelos valores que ela acreditava serem dela. Quando ela recebe um convite para viajar o país junto de sua irmã Angelina em nome do movimento abolicionista, ela tem a seguinte constatação:

Encarei o caibro escuro sobre minha cabeça e senti a verdade e a lógica daquilo, e entendi que o que eu mais temia não era falar. Esse medo estava velho e cansado. O que eu temia era a imensidão disso tudo – uma agente da abolição viajando pelo país com um mandado nacional. Eu queria dizer, quem sou para fazer isso, uma mulher? Mas a voz não era minha. Era de papai. De Thomas. Pertencia a Israel, Catherine e mamãe. Pertencia à igreja em Charlestone e aos quakers na Filadélfia. Não pertencia, se eu pudesse escolher, a mim. (KIDD, 2014, p. 279).¹¹

Nesse momento, ela percebe todas as imposições feitas a ela durante a vida – do pai, da mãe, da igreja, do homem que ela amava – e, ganhando essa consciência, ela toma coragem para viajar o país e lutar pela abolição da escravatura assim como pelo direito das mulheres. Ela liberta sua voz das outras que lhe calaram e pode, finalmente, falar por si mesma.

d. O cabelo

Sarah tem o cabelo ruivo, descrito no romance como “acenourado”. Essa cor é marcante, pois frequentemente relacionamos o cabelo ruivo ao fogo, algo quente, poderoso, vivaz. Sarah, porém, passa a maior parte do tempo com os cabelos presos, como mandava a tradição da época; quando ela decide entrar no mar,

¹¹ I stared at the black plank of rafter over my head and felt the truth and logic of that, and it came to me that what I feared the most was not speaking. That fear was old and tired. What I feared was the immensity of it all – a female abolition agent traveling the country with a national mandate. I wanted to say, *Who I am to do this, a woman?* But that voice was not mine. It was Father’s voice. It was Thomas’. It belonged to Israel, to Catherine, and to Mother. It belonged to the church in Charlestone and the Quakers on Philadelphia. It would not, if I could help it, belong to me. (KIDD, 2014, p.320).

porém, ela pega a roupa de banho emprestada de uma senhora na praia, solta os cabelos e neste momento, ela diz “She had no cap, and I’d unpinned my hair, which was flaming out in the wind.” (KIDD, 2014, p.183). Seus cabelos soltos, “flamejando” ao vento, simbolizam um momento de descarrego, como se ela tivesse soltado a chama que ardia dentro dela e ela sempre tivera de conter. Segundo Cheerbrant e Chevalier,

Como a cabeleira é uma das principais armas da mulher, o fato de que esteja a mostra ou escondida, atada ou desatada é, com frequência, um sinal da disponibilidade, do desejo de entrega ou da reserva de uma mulher. Maria Madalena, na iconografia cristã, é sempre representada com os cabelos longos e soltos, muito mais como um sinal de abandono a Deus, do que como lembrança de sua antiga de sua antiga condição de pecadora. Na Rússia, a mulher casada costumava esconder seus cabelos e há um provérbio que afirma: uma moça pode divertir-se, contanto que sua cabeça não esteja coberta. (1990, p. 155).

Desse modo, soltar os cabelos, deixá-los à mostra, tem um significado importante para uma mulher. O momento em que Sarah solta seu cabelo ao vento, aliado à simbologia do mar, representa um grande momento de libertação para ela.

O cabelo também é um símbolo significativo para Handful, pois ela e sua mãe colocavam mechas de seus cabelos dentro das colchas que costuravam. Ainda no dicionário de símbolos, também se encontra a seguinte definição:

Acredita-se que os cabelos, assim como as unhas e os membros de um ser humano, possuam o dom de conservar relações íntimas com esse ser, mesmo depois de separados do corpo. Simbolizam suas propriedades ao concentrar espiritualmente suas virtudes: permanecem unidos ao ser. Através de um vínculo de simpatia. (CHEERBRANT, CHEVALIER, 1990, p. 153).

Ao colocarem o cabelo nas colchas é como se elas fizessem parte também das colchas, simbolicamente. Por ser algo que as ligava com suas tradições e seus antepassados, fazer parte daquele objeto era

como fazer parte desse povo que elas haviam deixado para trás, mas que carregavam sempre com elas.

4. Liberdades possíveis?

No final do romance e após uma longa jornada de autoconhecimento para Sarah e de conflitos externos para Handful, as duas personagens conseguem fugir da fazenda Grimké em um navio rumo ao norte dos Estados Unidos, onde era possível viver como um escravo liberto. A história acaba no mento em que Sarah, Handful e sua irmã mais nova, Sky, estão no navio, contemplando a imensidão do mar e torcendo para não serem pegas em seus disfarces. Desse modo, não é possível saber se elas de fato chegam ao norte e o que acontece quando elas chegam lá. Não existe, portanto, um “felizes para sempre”, apenas a possibilidade dele.

Em um livro no qual analisa quatro romances de formação brasileiros, Cristina Ferreira Pinto esclarece que, geralmente, nos romances de formação femininos – os chamados bildungsroman femininos – os finais para as personagens mulheres são quase sempre incertos ou negativos. Ela explica a seguir, utilizando as ideias da crítica feminista Ellen Morgan

O final negativo observado por Morgan reflete a incompatibilidade entre a personagem que cresce e se desenvolve como pessoa e o mundo à sua volta. Para a mulher a única possibilidade de existência residia no espaço do casamento e da maternidade. Procurar sair desse espaço e alcançar ‘self-culture or self-expression placed her in the category of a lawbreaker’ (Labovitz, 4). Assim, enquanto o herói do ‘Bildungsroman’ passa por um processo durante o qual se educa, descobre uma vocação e uma filosofia de vida e as realiza, a protagonista feminina que tentasse o mesmo caminho tornava-se uma ameaça ao status quo, colocando-se em uma posição marginal. (PINTO, 1990, p.13).

A mulher que toma consciência de sua situação subjugada e procura sair dela geralmente não encontra espaço na sociedade, que não cede lugar para que ela questione o *status quo*. Nos romances isso

fica claro pois também afeta a escrita da própria autora no momento em que ela vai compor o seu romance. Desse modo, Pinto atribui o final negativo das personagens femininas à dificuldade enfrentada por mulheres em encontrar seu espaço e sua afirmação como escritoras na sociedade. Desse modo, mesmo com um final positivo, em que a protagonista consegue se livrar das amarras sociais, ela possui um futuro incerto. Neste momento, podemos pensar no final de Sarah e Handful: as duas protagonistas fogem de Charlestone em direção ao Norte em um navio e é neste momento em que a narrativa se encerra. É possível dizer, portanto, que as duas tiveram um final incerto? A resposta encontra-se na análise de Pinto dos romances de formação femininos brasileiros:

Em *Perto do Coração Selvagem* e *Ciranda de Pedra*, ao contrário, as protagonistas conseguem romper com as limitações sociais e atingir a independência e afirmação pessoal desejadas, assumindo uma posição marginal que é agora escolha, libertação. O final desses dois romances é ainda indeterminado, mas aponta, entretanto, a vitória de Joana e de Virgínia e a possibilidade da realização de seus anseios num 'romance fora do romance', num 'texto' que vai se desenvolver fora dos limites da narrativa. (PINTO, 1990, p.149).

Assim, apesar do final incerto, Sarah e Handful conseguem sua liberdade tanto psicológica quanto física no final da obra, quando fogem de Charlestone pelo mar. As protagonistas, portanto, escolhem estar à margem, pois é ali seu local de libertação. Além disso, o tema da viagem, que é muito comum nos *bildungsroman* femininos, também aparece na obra. Pelo mar, um símbolo de possibilidades e de renascimento, as duas personagens viajam rumo à sua realização plena. Elas escolhem estar à margem de uma sociedade na qual elas não cabem, para estarem integradas com elas mesmas, com quem elas de fato são. *The Invention of Wings*, desse modo, também pode ser considerado um *bildungsroman* vitorioso, no qual as personagens não sucumbem à pressão social e conseguem encontrar sua liberdade fora do espaço onde sempre foram oprimidas.

Considerações finais

Este trabalho, portanto, buscou analisar as duas personagens principais do romance *The Invention of Wings*, durante toda sua trajetória, buscando relacionar a sua construção aos objetos, ao espaço e à simbologia encontrada na obra. Com a análise das personagens e da simbologia, buscou-se também trazer à tona temas de caráter social, como a escravidão e o lugar subalterno da mulher na sociedade.

Com a análise das personagens e dos símbolos, foi possível notar que Sarah e Handful se encontravam aprisionadas por fatores bastante diversos: enquanto Handful estava presa fisicamente pelos muros da fazenda Grimké, Sarah estava aprisionada pelos valores de uma sociedade conservadora e patriarcal. Handful não podia ir e vir, não tinha o direito sobre o seu próprio corpo; Sarah, por sua vez, enfrentava os muros invisíveis que a impediam de enxergar além do casamento ou da religião. Foi notado também, por outro lado, que essas personagens também tinham em si possibilidades de libertação e com a ajuda uma da outra conseguiram construir suas asas rumo à liberdade.

Com o trabalho de Angela Davis, foi possível perceber que a união das personagens de Sarah e Handful representa também a união de dois movimentos distintos, mas que foram muito importantes um para outro: o movimento abolicionista e a luta pelos direitos das mulheres. Temas como esse são importantes para levantar questões como a opressão sofrida pelas mulheres antigamente e como isso ainda tem consequências até os dias de hoje. Além disso, os diferentes tipos de opressão – como podemos ver com a diferença das prisões de Sarah e Handful – também são questões levantadas pelo romance.

A teoria de Blessing sobre a *Reparational Literature* – ou literatura de reparação – também toca em pontos importantes sobre o contexto no qual a obra foi produzida. Autoras brancas do século XXI buscam, por meio da literatura, conscientizar os leitores de opressões tais quais podemos ver na obra: Sarah, apesar de também sofrer por ser mulher na sociedade em que vive, não deixa de estar em uma posição

privilegiada em relação à Handful. O fato de que a autora dá voz à Handful é importante para evidenciar esse privilégio, que sempre havia sido amenizado ou escondido pela literatura de autoria feminina e branca até o século XX.

Acredito, portanto, que *The Invention of Wings* é uma obra importante no contexto em que vivemos atualmente, pois trata de maneira bastante simbólica de todos esses temas mencionados até então. Além disso, é possível encontrar na trajetória de Sarah detalhes sobre a luta pela abolição da escravidão e os impasses sofridos por ela em sua luta pelo direito das mulheres. Ao dar lugar a questões como essas, uma obra que circula principalmente entre jovens leitores, visto que o público de Kidd é principalmente o jovem, merece atenção e destaque também nas produções acadêmicas.

FORTUNA, Jéssica Marroni. Liberdades possíveis: a construção das personagens femininas em *The Invention of Wings*, de Sue Monk Kidd. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 152-181, 2019.

POSSIBILITIES OF FREEDOM: THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE CHARACTERS IN *THE INVENTION OF WINGS*, BY SUE MONK KIDD

ABSTRACT: This work proposes to analyze the construction of the two characters that lead the novel *The Invention of Wings* (2014), by Sue Monk Kidd, considering the symbols present in the narrative. This work aims to study the concepts of character, function of objects and space within the literary narrative and then analyze selected elements of the work, establishing a relationship between theoretical concepts and the symbolism of freedom present in the narrative.

KEYWORDS: female character; female writer; symbol; *The Invention of Wings*; Sue Monk Kidd

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- BLESSING, A. H. *Reparational Literature: the enslaved female body as text in*

- contemporary novels by white woman*. 2015. 205 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Tulane University, 2015.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 4^a ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- CANDIDO, Antonio. A Personagem do romance. In: _____. (org.). *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CHEERBRANT, A., CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*. trad. Vera da Costa e Silva. 2^o ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1990.
- DAVIS, Angela. O movimento antiescravagista e a origem dos direitos das mulheres. In: *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HOOKS, Bell. *Ain't I a woman? Black woman and feminism*. London: Pluto Press, 1982.
- KIDD, Sue Monk. *The Invention of Wings*. New York: Viking, 2014. _____. *A Invenção Das Asas*. Trad. Flávia Yacubian. São Paulo: Paralela, 2014.
- PERSHING, Linda. Peace Work out of Piecework: Feminist Needlework Metaphors and the Ribbon around the Pentagon. In: HOLLIS, S.T., PERSHING, L. and YOUNG, M.J. (orgs.) *Feminist Theory And The Study Of Folklore*. Illinois: University of Illinois Press, 1993.
- PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.